

UNIESP
•• União de Escolas Superiores Paraíso ••

www.uniespmg.edu.br - (35) 3558 6261

ISEP
•• Instituto Superior de Educação Paraíso ••

UNIÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE PARAÍSO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL

MARIA APARECIDA BAQUIÃO DOS SANTOS

ORIENTADOR: MURILO PESSONI NEVES

São Sebastião do Paraíso/MG
2009

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL

MARIA APARECIDA BAQUIÃO DOS SANTOS

Monografia apresentada à UNIESP -
União de Escolas Superiores Paraíso,
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Murilo Pessoni
Neves.

São Sebastião do Paraíso/MG
2009

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO INFANTIL

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho aos meus familiares, ao meu esposo, aos meus filhos, as colegas de sala e todos que me apoiarem e incentivaram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, ao meu orientador por sua consideração e contribuição na elaboração deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 – EDUCAÇÃO FÍSICA NO COTEXTO ESCOLAR.....	8
1.1 Abordagem sobre a Educação Física escolar.....	8
1.2 Conceito de Educação Física.....	12
1.3 Educação Física e o processo e aprendizagem na Educação Infantil.....	13
1.4 Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento cognitivo.....	17
2 BRINQUEDO (APRENDER – FAZENDO).....	26
2.1 Abordagem sobre Educação Física, brinquedo e brincar na Educação Infantil...26	
2.2 O papel da Educação Física no desenvolvimento da criança.....	28
2.3 As relações entre Educação Física e as outras disciplinas na Educação Infantil. O lúdico na formação do professor.....	31
3.DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.....	33
3.1 O papel da cultura corporal sobre a Educação Física escolar.....	36
3.2 Os Paradigmas Curriculares da Escola na Educação Física.....	39
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

RESUMO

Para boa parte das pessoas que freqüentaram a escola, a lembrança das aulas de Educação Física é marcante, para alguns, uma experiência prazerosa de sucesso, de muitas vitórias, para outros, uma memória amarga, de sensação de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar. A educação física incorpora de forma organizada, as principais questões que o professor deve considerar no desenvolvimento de seu trabalho, subsidiando as discussões, os planejamentos e as avaliações da prática da educação física nas escolas. É diante destes aspectos que se buscou através deste estudo uma proposta pedagógica para facilitar a aprendizagem através do lúdico. Este trabalho consiste em descrever a importância do professor na orientação das atividades da educação física.

Palavras-chaves: Educação Física, crianças, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvida, mas devem estar claro quais as conseqüências do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

A Educação Infantil tem uma grande relevância para a formação do sujeito, além de iniciar o desenvolvimento da aprendizagem através da vivência do lúdico, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de aprofundamento neste campo de propostas pedagógicas para aquisição de condições favoráveis ao aprendizado lúdico, para que se procedam as mudanças, não apenas do gesto, mais de fato real.

Através de observação e conversa com os professores que trabalham no pré-escolar com a educação física, poderemos conceituar melhor os benefícios que ela trás uma melhor aprendizagem dos alunos.

Os objetivos aqui definidos foram: descrever a importância do professor na orientação das atividades da educação física; analisar o papel da educação física na aprendizagem; relatar o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar sob os aspectos motores, cognitivos e afetivo social; descrever a importância das atividades para uma melhor aprendizagem das crianças.

A metodologia foi baseada em análise bibliográfica e também estudo de artigos que contribuem para discussão do tema aqui definido. Seguindo este estudo, surgiu a questão, se realmente a educação física influencia em uma melhor aprendizagem.

I - A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO ESCOLAR

Em relação ao seu papel pedagógico, a educação física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvida, mas deve estar claro quais são as consequências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

Sem se tornar uma disciplina auxiliar de outras, a atividade da educação física precisa garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico-matemáticas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente. (MARIOTTI, 1996).

É preciso entender que as habilidades motoras, desenvolvidas num contexto de jogo, de brinquedo, no universo da cultura infantil, de acordo, com o conhecimento que a criança já possui, poderão se desenvolver sem a monotonia dos exercícios.

Conforme FREIRE: "(...) a afetividade do educador é colocada em evidência, mais que nunca, quando da realização de atividades de educação física". Lidar com corpos em movimento não é o mesmo que fazê-lo quando são obrigados a permanecerem imóveis, olhares fixos no quadro-negro ou cabeças baixas sobre os cadernos.

1.1 Abordagem sobre a Educação Física escolar

No século XX, a Educação Física Escolar sofreu, no Brasil, influências decorrentes de pensamento filosófico, tendências políticas, científicas e pedagógicas.

Assim, até a década de 50, a Educação Física ora sofreu influências provenientes da filosofia positivista, da área médica, como por exemplo, o higienismo, de interesses militares, ora acompanhou as mudanças no próprio pensamento pedagógico, como por exemplo, a vertente escola-novista na década de 50.

Neste mesmo período histórico ocorreu a importação de modelos de práticas corporais, como os sistemas ginásticos: alemão, sueco e o médico francês, entre as décadas de 10 e 20, e o método desportivo generalizado, nas décadas 50 e 60.

Durante a década de 70 a Educação Física sofreu, mais uma vez, influências importantes no aspecto político. Foi nesse período que as reflexões do Golpe Militar de 64 demonstraram dentro das escolas e os professores tornaram-se técnicos na elaboração do planejamento, no qual, envolvia diversas etapas para que houvesse o desenvolvimento de habilidades específicas nos alunos, mais não se pensava em uma formação mais crítica destes.

Em função desta nova perspectiva política, o sistema educacional foi totalmente reformulado, e a partir daí, as conseqüências desta reforma desencadearam inúmeras mudanças em nossa sociedade.

A educação baseou-se na aprendizagem Tecnicista, que tinha como princípios a racionalidade e a eficiência, na qual, segundo Libâneo “ a atividade de ensinar era centrada no professor que expõe e interpreta a matéria” (LIBÂNEO, 1994).

O trabalho desenvolvido na escola limitava-se a alguns itens aos quais permeariam o processo de ensino como operacionalização dos objetivos, a mecanização completa do ensino, o parcelamento do trabalho pedagógico com a especialização de funções, onde professores e alunos passariam a ocupar posições secundárias, chegando a serem relegados à condição de executores de um processo criado e coordenado por especialistas.

Se por um lado, o regime militar favoreceu a expansão da Educação Física, pois houve um aumento significativo de suas escolas, por outro, a qualidade do ensino ficou seriamente comprometida.

Principalmente devido ao comportamento dos professores e profissionais da área que, influenciados pelas características da política educacional vigente, e com

uma postura totalmente autoritária, apresentavam uma forte tendência em valorizar o rendimento físico, a perfeição e o domínio dos movimentos adquiridos através da aplicação de métodos rígidos de automatização e adestramento, para se atingir uma melhor performance esportiva.

Atualmente a educação física necessita de mudanças, sobretudo no sentido de convencer a sociedade e até mesmo todo o corpo docente quanto ao seu real valor, afinal ainda hoje existem professores que acreditam que seu trabalho docente consiste no adestramento físico, no disciplinamento mecânico, no excesso físico, na competição pela eliminação do adversário.

Para Libâneo (1994): “ (...) na aprendizagem escolar há influência de fatores afetivos e sociais, a aprendizagem escolar tem vínculo direto com o meio social”.

Portanto, é preciso que o profissional de Educação Física entenda que ao ato de aprender a educação física não se limita mais apenas à execução mecânica do exercício motor, mais constitui-se em atividade relacionada ao cotidiano da criança, trazendo uma proposta que procure democratizar, humanizar e diversificar a prática pedagógica da área, buscando ampliar, de uma visão apenas biológica, para um trabalho que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e sócio-culturais dos alunos.

Ainda de acordo com Libâneo (1994):

“O planejamento do trabalho docente é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação do professor, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”.

Portanto, o planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas ações, se não pensa-se decididamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade.

Assim, baseado no pensamento do autor, o educador físico, ao planejar suas aulas, deve se perguntar: que conteúdos e habilidades podem ajudar o aluno a ser um cidadão participativo? Em que condições materiais de vida, experiências, conhecimentos, valores afetam o desenvolvimento das aulas? Como a educação do corpo, do movimento e os esportes podem contribuir para o exercício de uma prática social consciente e menos alienada? E como a aprendizagem motora pode contribuir para o desenvolvimento integral do indivíduo?

Considerando que a criança se apropria de noções de conhecimento à medida que age (cognição) , observa e se relaciona com o mundo, é enfrentando desafios e na troca constante de informações com outras crianças e com os adultos que ela aprende e se desenvolve.

Para Arribas (2002)::

Crianças em idade escolar têm a necessidade e a capacidade de se moverem. Esta realidade tão simples bastaria para justificar uma preocupação séria com a Educação Física escolar, em um sistema Educativo que sustenta que a satisfação das necessidades infantis e o desenvolvimento das potencialidades estão entre os seus objetivos prioritários.

Portanto, poucas coisas possam se dizer que já não tenham sido ditas sobre a necessidade de movimento nas crianças.

A descrição da particular atividade cerebral infantil, a exigência fisiológica relacionada com as demandas das funções do organismo, a tendência natural à exploração, são argumentos que costumam ser usados em defesa deste impulso ao movimento.

Contudo, qualquer pessoa que esteja em contato com crianças, que conviva com elas, não precisará de muitos argumentos para convencer de que esta postura, contrária a quietude, é uma realidade, pois o movimento faz parte da própria condição do ser vivo.

E este movimento não é único e estável, evoluirá ao longo do crescimento e do desenvolvimento da pessoa, condicionado pelo grau de maturidade e pela própria experiência do movimento.

Portanto, ao reconhecer a importância do comportamento motor no desenvolvimento da pessoa como forma de utilização e domínio do corpo e como base para o conhecimento do mundo real e para a construção da personalidade, surge à necessidade de sistematizar sua educação nos programas escolares, pois a escola não pode negar como fato histórico à corporeidade humana, a infinidade de gestos, expressões e movimentos que os seres humanos foram e são capazes de realizar através de jogos, brincadeiras, danças, esportes, lutas, diferentes formas de ginástica e que é necessário desenvolver uma concepção de Educação Física onde a atividade intelectual e a atividade motora, ao invés de se confrontarem se harmonizarem de forma a melhor integrar o ser humano no seu relacionamento: eu, o outro, os objetos e o mundo.

Entre a Didática e a metodologia física deve existir um intercâmbio, uma fecundação mútua, mesmo porque a educação física atua nas esferas da psicomotricidade, do desenvolvimento físico e do esporte, cuja natureza difere das demais disciplinas.

Ao mesmo tempo, porém a educação física é uma atividade de educação e ensino, subordinando-se a objetivos pedagógicos mais amplos, às leis e processos objetivos de ensino que pertencem ao domínio da Didática Geral.

A educação física pode contribuir para a autodisciplina, fortalecer a saúde, desenvolver os valores estéticos, os valores cooperativos, o raciocínio e a presteza mental, sem esquecer que a ela cabe também o estudo da fisiologia, da anatomia, das técnicas, da história, etc. Enfim ela compõe o conjunto das disciplinas escolares e cumprirá o seu papel quanto mais conseguir torna-se educação física Escolar.

1.2– Conceito de Educação Física

A Educação Física pode ser a ciência que estuda a ação humana, tanto do ponto de vista motor quanto social.

Estuda o homem como agente transformador, que lança mão de suas ações, movimentos e expressões corpóreas, da sua cultura e consciência corporal em si, para determinar e transformar o mundo e sua vida material.

É quase de comum acordo entre os estudiosos que analisam. Mas, dentro de todas as faces da educação física Escolar, de que a mesma educa por dois processos, ao mesmo tempo similares e ao mesmo tempo tão distintos: Educação para o movimento, e educação pelo movimento.

Educação para o movimento, é a utilização de atividades físicas, motoras e recreativas, como o objetivo de desenvolver a motricidade geral educando. Visa o ensino e o aprimoramento de capacidades físicas (forças, velocidade, etc), e capacidade motora de base (coordenação, lateralidade, noção espacial), bem como habilidades específicas, no que concerne as técnicas de movimento. A educação centra-se no movimento.

“ Na educação pelo movimento, o movimento é um instrumento facilitador da aprendizagem de conteúdos ligados ao aspecto cognitivo. O movimento toma-se então, um meio de aquisição de objetos educacionais”. (FREIRE, 1992).

É justamente por intermédio da educação pelo movimento que a Educação Física interage com a aprendizagem no processo educativo, pois ambas visam o desenvolvimento de métodos e processos de ensino que objetivam o desenvolvimento global do indivíduo.

A educação física como componente curricular educacional, pode-se dizer que sofreu ampla influência das tendências ou concepções da educação que surgiram e vigoram até hoje na escola.

1.3 Educação Física e o processo de aprendizagem na Educação Infantil

Os interesses da criança, até os três anos de idade, estão, sobretudo concentrados no mundo exterior e, em especial sobre o aspecto prático do movimento .

Como educação do movimento compreende-se a realização de atividades motoras que visam o desenvolvimento das habilidades (correr, saltar, saltitar, arremessar, empurrar, puxar, balançar, subir, descer, andar), da capacidade física (agilidade, destreza, velocidade, velocidade de reação) e das qualidades físicas (força, resistência muscular localizada, resistência aeróbica e resistência anaeróbica).

Portanto a educação do movimento prioriza o aspecto motor na formação do educando. No ambiente educacional esse trabalho pode ser distribuído ao longo de todo período escolar, a ênfase, entretanto, ocorre nas séries finais do ensino fundamental quando as características psicológicas e fisiológicas dos alunos correspondem às especialidades desta proposta (FONSECA,1988).

Para a psicomotricidade o desenvolvimento psicomotor passa a ser pré-requisito de conteúdos cognitivos. Desloca-se a preocupação da educação do movimento para a educação pelo movimento.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, em 22 de dezembro de 1996, em seu art.26 e inciso terceiro, onde se delineia novas perspectivas para a Educação Física, tal como:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Estudiosos da educação defendem que as experiências motoras que se iniciam na infância são de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, principal meio pelo qual a criança explora, relaciona e controla seu meio ambiente.

O movimento se relaciona com o desenvolvimento cognitivo, no sentido de que a integração das sensações provenientes de movimentos resulta na percepção e toda aprendizagem simbólica posterior depende da organização destas percepções em forma de estruturas cognitivas.(SOUSA, 1994).

Por meio da exploração motora a criança desenvolve consciência do mundo que a cerca, e de si própria. O controle motor possibilita à criança experiências concretas, que servirão como base para a construção de noções básicas para o seu desenvolvimento intelectual.

O movimento é reconhecido como sendo o objeto de estudo e aplicação da educação física. Seja qual for a área de atuação, a educação física trabalha com movimento e, pelo acima exposto, é inegável a sua contribuição ao desenvolvimento global do ser humano, desde que estes trabalhos sejam adequados.

Oferecer a criança oportunidade de mover-se, usando da sua criatividade, significa estabelecer experiências que propiciarão desenvolver habilidades motoras fundamentais por meio de padrões básicos de movimentos.

O que vai diferenciar a presença de um professor de educação física dos demais atendentes na educação infantil é a comunicação, a compreensão, a leitura, a interação e o envolvimento, a promoção da evolução da criança por intermédio das manifestações corporais, do movimento, do jogo e das atividades lúdicas.

Essas capacidades são exercitadas pelos profissionais que, conscientes da importância das primeiras comunicações não verbais – através do tônus – entram em comunicação corporal com as crianças.

Na Educação Física, o processo de aprendizagem caracteriza-se por uma transformação progressiva das capacidades motoras da criança, em função das situações em que é colocada.

Considerando um determinado contexto, a criança investe em ações de acordo com os meios que dispõe. Portanto em um processo de ensino-aprendizagem, que objetivam o desenvolvimento psicomotor da criança, devem acontecer de uma forma unificada e inter-relacionada. (SOUSA, 1999, p. 15).

Manter-se atualizado sobre as novas metodologias de ensino da Educação Física e desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes são alguns dos principais desafios de profissão do educador físico, então se a mete da Educação Física for voltada para desenvolver o potencial das crianças, o professor deve saber que nela estão incluídas habilidades cognitivas, afetivas, político-sociais e motoras.

Afirma Libâneo (1994): “ (...) a tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre o ensino e aprendizagem, através do processo de ensino.”

O professor planeja, dirige, e controla o processo de ensino, tendo em vista estimular e suscitar a atividade própria dos alunos para aprendizagem. Portanto, um bom professor de educação física, deve ser capaz de entender e conduzir de forma científica o processo de ensino, tarefa de difícil resolução em função de exigir a integração de variadas áreas de conhecimento, e não apenas de sua assimilação.

Assim, na construção de suas diretrizes didático-pedagógicas específicas o profissional da educação física precisa ter em mente que seu trabalho envolve aspectos diversos da personalidade humana, entendida como fruto da interação dos elementos corpóreos, intelectuais e emocionais.

Portanto a educação do movimento prioriza o aspecto motor na formação do educando.

No ambiente educacional esse trabalho pode ser distribuído ao longo de todo período escolar, a ênfase, entretanto, ocorre nas séries finais do ensino fundamental quando as características psicológicas e fisiológicas dos alunos correspondem às especialidades desta proposta (AFONSO,1988).

Segundo Estudiosos da educação defendem que as experiências motoras que se iniciam na infância são de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, principal meio pelo qual a criança explora, relaciona e controla seu meio ambiente.

Oferecer a criança oportunidade de mover-se, usando da sua criatividade, significa estabelecer experiências que propiciarão desenvolver habilidades motoras fundamentais por meio de padrões básicos de movimentos.

O que vai diferenciar a presença de um professor de Educação Física dos demais atendentes na Educação Infantil é a comunicação, a compreensão, a leitura, a interação e o envolvimento, a promoção da evolução da criança por intermédio das manifestações corporais, do movimento, do jogo e das atividades lúdicas.

Essas capacidades são exercitadas pelos profissionais que, conscientes da importância das primeiras comunicações não verbais – através do tônus – entram em comunicação corporal. Qualquer processo de ensino para ser eficiente deve levar em conta o nível de desenvolvimento real da criança e o seu nível de desenvolvimento potencial adequado a sua faixa etária, conhecimentos e habilidades que já possui.

O profissional de educação física ao trabalhar na educação infantil deve conhecer os estágios do desenvolvimento dessa fase, para proporcionar os estímulos adequados a cada etapa. Agindo dessa forma, o desenvolvimento será mais harmônico no campo motor, cognitivo e afetivo-social, trabalhando assim, o ser na sua forma integral.

A evolução infantil obedece a uma seqüência motora, cognitiva, e afetivo-social que ocorrerá de forma mais lenta ou mais acelerada, de acordo com os estímulos recebidos. A criança entre de 1 ano e meio e os dois anos de idade age sem refletir.

O ato precede o pensamento. A partir dessa fase, a criança já adquire duas funções importantíssimas: o andar e a linguagem.

O pensamento passa a ser projetado no exterior pelos movimentos e pela linguagem.” Isto permitirá uma maior participação na sua relação com o meio. A ação da criança sobre o meio estimulará sua atividade mental” (NETO, 2005).

A partir daí, a criança começa a ter maior consciência sobre sua própria pessoa, iniciando a formação da sua auto-imagem. Em seguida, a criança vai iniciando a sua vida social ao formar pequenos grupos, porém ocorre uma troca constante de amizades e de grupos (escola, clubes, etc.). Esse intercâmbio social é essencial, pois leva a criança a se adaptar a diferentes papéis, reconhecendo-se como pessoa.

Nesse sentido, cada fase de desenvolvimento infantil tem suas próprias características, portanto, exigem estudos aprofundados sobre os métodos

pedagógicos, as qualidades dos estímulos fornecidos e a atuação intencional do profissional na aula de educação física.

Pela importância que a infância representa na formação da personalidade do indivíduo, esses estudos devem estar respaldados por uma “práxis” pedagógica que leve a uma organização didática, modificando a visão de aulas de educação física de embasamentos estritamente empíricos, para uma visão mais científica, evitando-se um choque entre teoria e prática o que poderá refletir negativamente na formação de nossos jovens.

1.4 Contribuição da Educação Física para o desenvolvimento cognitivo

A educação física pode contribuir com a aprendizagem levando-se em conta de que o objeto de estudo da educação física é o movimento humano, e é através deste que as pessoas podem se comunicar e se relacionar com o meio (noção espaço-temporal), percepção, atenção) e com outras pessoas, além de conhecer-se a si próprio.

“Assim, o desenvolvimento motor está altamente relacionado ao desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo, sendo que deficiência em alguns destes aspectos podem causar déficits de desenvolvimentos nos demais”. (NETO, 2005).

É por meio da exploração do ambiente físico, através de seus movimentos básicos, que a criança inicia seu processo de aprendizagem , relacionando-se com situações, objetos e pessoas.

Não pode-se portanto, tentar dissociar o aspecto motor do desenvolvimento dos demais aspectos. Uma criança que não tenha desenvolvido de maneira correta sua lateralidade, por exemplo, terá sérias dificuldades de definição da dominância homolateral de algum hemisfério cerebral, o que poderá acarretar problemas na escrita e na leitura, em fases de alfabetização.

O não desenvolvimento de aspectos como equilíbrio, ritmo, coordenação motora, esquema corporal, noção espacial, dentre outros, aspectos esses desenvolvidos geralmente na educação infantil e nas séries iniciais, pode acarretar

inúmeros prejuízos na vida futura de qualquer ser humano, indo além do campo educacional, adentrando inclusive na sua relação com o mundo do trabalho.

Para que as habilidades motoras sejam desenvolvidas é necessário que se dê à criança oportunidades de desempenhá-las. O movimentar-se é de grande importância biológica, psicológica, social e cultural, pois é através da execução dos movimentos que as pessoas interagem com o meio ambiente, relacionando-se com os outros, apreendendo sobre si, seus limites, capacidades e solucionando problemas (AFONSO,1988).

O principal instrumento da educação física é o movimento, por ser o denominador comum de diversos campos sensoriais. O desenvolvimento do ser humano se dá a partir da integração entre a motricidade, a emoção e o pensamento

No caso específico da educação física, o profissional dessa área possui ferramentas valiosas para provocar estímulos que levem ao desenvolvimento de forma bastante prazerosa: a brincadeira e o jogo.

A partir da utilização da imaginação, a criança deixa de levar em conta as características reais do objeto, se detendo no significado determinado pela brincadeira. Esse impulso dado aos conceitos e processos de desenvolvimento deverá ser fornecido pela educação física ao propiciar jogos e brincadeiras que, intencionalmente, estimulem a imaginação e a criatividade. Além disso, o processo de desenvolvimento dos indivíduos tem relação direta com o seu ambiente sócio-cultural e eles não se desenvolveriam plenamente sem o suporte de outros indivíduos da mesma espécie .

Dessa forma, percebe-se que a escola e, neste caso específico, a educação física, tem um papel fundamental no aprendizado e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos indivíduos, desde que estabeleça situações desafiadoras para seus alunos.

A interferência de outras pessoas (professor e outros alunos) é fundamental para o desenvolvimento da criança. O papel do professor deve ser o de interventor intencional, estimulando o aluno a progredir em seus conhecimentos e habilidades através de propostas desafiadoras que o leve a buscar soluções, por intermédio da sua própria vivência e das relações interpessoais.

Isto não deve significar uma educação autoritária, mas uma educação que possibilite ao aluno, por meio de estratégias estabelecidas pelo professor, construir o

seu próprio conhecimento, com a reestruturação e reelaboração dos significados que são transmitidos ao indivíduo pelo seu meio sócio-cultural (AFONSO,1988).

Qualquer processo de ensino, para ser eficiente, deve levar em conta o nível de desenvolvimento real da criança (os conhecimentos e as habilidades que já possui) e avaliar o seu nível de desenvolvimento potencial adequado a sua faixa etária (as habilidades que pode vir a desenvolver com o estímulo do meio).

É importante que o profissional de educação física, ao trabalhar na educação infantil, conheça os estágios do desenvolvimento dessa fase a fim de proporcionar os estímulos adequados a cada etapa.

Segundo Afonso (1988), é importante que o profissional que trabalha com crianças conheça e respeite suas características, necessidades e interesses. No entanto, não se pode trabalhar o desenvolvimento de habilidades de forma finalista. A função do educador, dentro desta concepção, é a de apresentar uma diversidade de situações nas quais a habilidade possa ser executada, levando o aluno não somente à consistência do movimento, mas também à constância.

A evolução infantil obedece a uma seqüência motora, cognitiva e psicossocial que ocorrerá de forma mais lenta ou mais acelerada, de acordo com os estímulos recebidos.

A criança entre um ano e meio e dois anos de idade age sem refletir, ou seja, o ato precede o pensamento. A partir dessa fase, ela já adquire duas funções importantíssimas: o andar e a linguagem. O pensamento passa a ser projetado no exterior pelos movimentos e pela linguagem, permitindo uma maior participação na sua relação com o meio.

A ação da criança sobre o meio estimulará sua atividade mental. A partir daí, ela começa a ter maior consciência sobre sua própria pessoa, iniciando a formação da sua auto-imagem.

Em seguida, vai iniciando a sua vida social ao formar pequenos grupos, porém, ocorre uma troca constante de amizades e de grupos (escola, clubes, etc.). Esse intercâmbio social é essencial, pois leva a criança a se adaptar a diferentes papéis, reconhecendo-se como pessoa (AFONSO,1988).

Neste sentido, observa-se que cada fase de desenvolvimento infantil tem suas próprias características, portanto, exige estudos aprofundados sobre os métodos pedagógicos, as qualidades dos estímulos fornecidos e a atuação intencional do profissional na aula de educação física.

O professor deve levar em conta a peculiaridade de cada fase pela qual o aluno passa, as particularidades de cada jogo, brincadeira ou esporte que possam auxiliar o educando no seu desenvolvimento integral .

Para que a criança possa ter sucesso na sua vida escolar, é necessário que durante a infância, no período caracterizado pela organização psicomotora e estruturação da imagem corporal, sejam realizados trabalhos em torno de seu desenvolvimento motor, proporcionando a ela situações nas quais possa ter toda a confiança em seu corpo e em suas potencialidades (AFONSO,1988).

Através da aula de Educação Física, é possível trabalhar a psicomotricidade e desenvolver o potencial da criança, proporcionando uma sustentação para uma boa aprendizagem.

Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (s/a, psicomotricidade-meio eletrônico).

Gandara (1985) define psicomotricidade como a organização funcional de uma determinada conduta e ação, sendo um certo tipo de prática de reabilitação gestual. Assim, a psicomotricidade consiste na unidade dinâmica dos gestos, das atitudes e das posturas enquanto sistema expressivo, idealizador e representativo do “ser-em-situação” e da coexistência com outrem.

Ela inclui a orientação temporal e espacial das orientações do sujeito na prática harmonizada de seu corpo e dos objetos que ele manipula, visando a realização de suas intenções.

A psicomotricidade como ciência da educação procura educar o movimento ao mesmo tempo em que desenvolve as funções da inteligência

Para Negrine (2002), atualmente existem dois eixos pelos quais a psicomotricidade avança, que se diferenciam nos objetivos e intervenções pedagógicas: a psicomotricidade funcional e a psicomotricidade relacional.

A psicomotricidade funcional é aquela que toma como referência o perfil psicomotriz da criança, que é avaliado a partir de testes padronizados e utiliza-se de métodos diretivos, não deixando espaço para a exteriorização da expressão corporal. Já a psicomotricidade relacional diz respeito a uma abordagem que se sustenta na ação do brincar.

Esta abordagem utiliza-se de métodos não-diretivos, embora a atividade que se oferece deve seguir um roteiro. Em outras palavras, uma sessão de psicomotricidade relacional deve ter início, meio e fim (NEGRINE, 2002)

O ponto fundamental da passagem da psicomotricidade funcional para a psicomotricidade relacional é a utilização do brinquedo, do ato de brincar, da liberdade de exploração dos objetos e da liberdade de expressão (GANDARA, 1985). O eixo pelo qual esta pesquisa foi realizada e sobre o qual será discutido a seguir é o da psicomotricidade funcional.

Segundo Gandara (1985), o intelecto se constrói a partir da atividade física. As funções motoras (o movimento) não podem ser separadas do desenvolvimento intelectual (a memória, a atenção e o raciocínio) nem da afetividade (as emoções e os sentimentos). Para que o ato de ler e escrever se processe adequadamente, é indispensável o domínio de habilidades a ele relacionado, considerando que essas habilidades são fundamentais manifestações psicomotoras.

O desenvolvimento psicomotor caracteriza-se pela maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial, o reconhecimento dos objetos, das posições, a imagem do nosso corpo e a palavra. Assim, torna-se muito importante estimular o desenvolvimento psicomotor para que a criança conscientize-se de seus movimentos corporais que expressam suas emoções e suas descobertas (GANDARA, 1985).

Conforme Gandara (1985), o desenvolvimento psicomotor é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo.

A educação da criança deve evidenciar a relação através do movimento de seu próprio corpo, levando em consideração sua idade, a cultura corporal e os seus interesses.

Essa abordagem constitui o interesse da educação psicomotora, que para ser trabalhada, necessita que sejam utilizadas as funções motoras, cognitivas, perceptivas, afetivas e sociomotoras.

Educação psicomotora é a educação da criança através de seu próprio corpo e de seu movimento. A criança é vista em sua totalidade e nas possibilidades que apresenta em relação ao seu meio-ambiente. A educação psicomotora atinge a criança na sua totalidade, pois através dela a criança explora o ambiente, passa por experiências concretas, indispensáveis ao seu desenvolvimento intelectual, e é

capaz de tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca (GANDARA, 1985)

Relacionar-se com o outro na escola, através do ensino, é fundamental. Nesse aspecto, as atividades psicomotoras propiciam para a criança uma vivência com espontaneidade das experiências corporais, criando um clima afetivo entre professores e alunos, afastando os tabus e preconceitos que influenciam negativamente as relações interpessoais.

Neste sentido a psicomotricidade é um meio de auxiliar a criança a superar suas dificuldades e prevenir possíveis inaptações, procurando proporcionar condições mínimas para um bom desempenho escolar (GANDARA,1985).

Segundo Gandara (1985), as aprendizagens psicomotoras são representadas, do ponto de vista educacional, como o ato de fazer, mas a execução de um gesto qualquer apresenta um componente cognitivo anterior, e é esse componente que facilitará ou não a execução deste novo gesto.

Pode-se dizer que há uma relação entre a aprendizagem e as funções psicomotoras, sendo necessário entender o desenvolvimento destas funções assim como o desenvolvimento cognitivo, motor e psicossocial do aluno.

As funções psicomotoras necessárias para a organização da percepção envolvem o reconhecimento de esquema corporal, a lateralidade, a estruturação espacial e a orientação temporal (GANDARA,1985).

O esquema corporal é estudado pela psicomotricidade e esta noção de corporeidade é trabalhada a fim de manter o equilíbrio entre o corpo e a mente. Sem este equilíbrio o processo de aprendizagem e/ou o desenvolvimento motor fica comprometido.

A criança percebe seu corpo através de todos os sentidos como a audição, a visão, a lateralidade, a coordenação, a comunicação e a orientação espacial, sendo que as práticas psicomotoras auxiliam na organização da imagem corporal. Na psicomotricidade, a atividade motora lúdica é fonte de prazer e através dela a criança poderá manifestar suas habilidades e dificuldades (GANDARA,1985)

Segundo Gandara (1985) o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança, pois se refere à formação do "eu". No momento em que ele toma consciência de seu corpo, de seu ser, de suas possibilidades de agir e transformar o mundo em sua volta desenvolve sua personalidade.

Para Gandara (1985), o corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe o mundo a sua volta em função do próprio corpo e isto significa que, conhecendo-o, ela terá maior habilidade para diferenciar-se dos objetos circundantes, observando-os e manejando-os.

Cauduro (2002) ressalta que para uma boa elaboração do esquema corporal, é necessário que a criança receba o máximo de estimulação para que possa perceber e sentir o corpo. A criança só se sentirá bem à medida que seu corpo lhe obedecer, em que ela poderá conhecê-lo e automonitorar seu comportamento.

A organização do esquema corporal acontecerá paralelo à maturação da criança. A evolução psicomotora é sinônimo de conscientização e de conhecimento cada vez mais profundo sobre seu corpo. É com o corpo que a criança elabora todas as suas experiências vitais e organiza a sua personalidade (CANDARA,1985).

Uma criança cujo esquema corporal é mal formado não coordena bem os movimentos. Suas habilidades manuais tornam-se limitadas, o ato de vestir-se e despir-se se torna difícil, a leitura perde a harmonia, o gesto vem após a palavra e o ritmo de leitura não é mantido ou, então, é paralisado no meio de uma palavra. As noções de esquema corporal – tempo, espaço, ritmo – devem partir de situações concretas, nas quais a criança possa formar um esquema mental que anteceda à aprendizagem de leitura, do ritmo, dos cálculos (CANDARA,1985).

Segundo Vayer (1971) apud Galhardo (2004), um esquema corporal mal estruturado acarreta transtornos nas áreas motoras, perceptiva e social. Na área motora, a criança pode apresentar dificuldades tais como coordenação deficiente, lentidão e má postura.

Na área perceptiva, pode ocasionar dificuldades de estruturação espaço-temporal e, na área social, problemas nas relações com outras pessoas originados por perturbações afetivas.

Para GANDARA (1985), a lateralidade corporal se refere ao espaço interno do indivíduo, capacitando-o a utilizar um lado do corpo com maior desembaraço, percebendo que este possui dois lados e que um é mais utilizado que o outro.

Embora a criança, quando bebê, utilize indiferentemente os dois lados do corpo e as duas metades, é com a maturação do organismo que ela vai estabelecendo sua preferência por um dos lados. Por influência do ambiente social, a criança pode ser levada a utilizar mais de um dos lados para atividades próprias da cultura e do meio.

É durante o crescimento e a aquisição de experiências dentro do ambiente social que se define a dominância da lateralidade nas crianças, de forma natural.

No entanto, quando a lateralidade não está bem definida, é comum ocorrerem problemas na orientação espacial, dificuldade na discriminação e na diferenciação entre seu lado dominante e o outro lado e incapacidade de seguir a direção gráfica, ou seja, iniciar a leitura pela esquerda (GANDARA,1985).

A organização ou estruturação espacial, segundo Gandara (1985), é a tomada de consciência, pela criança, da situação de seu próprio corpo em um determinado meio ambiente, permitindo-lhe conscientizar-se do lugar e da orientação no espaço que pode ter em relação às pessoas e às coisas.

Segundo Tani (1988), orientação ou estruturação temporal é a capacidade de situar-se em função da sucessão de acontecimentos, da duração dos intervalos, das renovações cíclicas de certos períodos e do caráter irreversível do tempo.

Estas duas funções psicomotoras – orientação espacial e temporal – são importante no processo de adaptação do individuo ao ambiente, já que todo o corpo, animado ou inanimado, ocupa necessariamente um espaço em um dado momento. A orientação espacial e temporal corresponde à organização intelectual do meio e está ligada à consciência, à memória e às experiências vivenciadas pelo individuo (TANI, 1988).

Muitos fracassos em matemática, por exemplo, são produzidos pela má organização espacial ou temporal. Para efetuar cálculos, a criança necessita ter pontos de referência, colocar números corretamente, possuir noção de coluna e fileira e combinar formas para fazer construções geométricas (TANI,1988).

O desenvolvimento global da criança se dá através do movimento, da ação, da experiência e da criatividade, levando-a a conseguir plena consciência de si mesma, da sua realidade corporal que sente, pensa, movimenta-se no espaço, bem como encontra-se com os objetos e gradativamente distingue suas formas e se conscientiza das relações de si mesma com o espaço e o tempo, interiorizando, assim, a realidade (TANI,1988).

Para que esses conceitos sejam desenvolvidos e incutidos no aprendiz, o meio ambiente tem que ser desafiador, exigente, para poder sempre estimular o intelecto e a ação motora desta pessoa. No entanto, não basta apenas oferecer estímulos para que a criança se desenvolva normalmente, a eficácia da estimulação depende também do contexto afetivo em que esse estímulo se insere e essa ação está

diretamente ligada ao relacionamento entre o estimulador e a criança. Portanto, o papel da escola no âmbito educacional deve ser o de sistematizar esses estímulos, envolvendo-os em um clima afetivo que serve para transmitir valores, atitudes e conhecimentos que visam o desenvolvimento integral do ser humano (TANI, 1988).

Gallardo (2003) ressalta que na educação infantil é necessário facilitar e potencializar o desenvolvimento da criança.

É importante oportunizar a ela variadas formas de realizar os movimentos fundamentais, estimulando-a a utilizar suas habilidades motoras em diversas situações. Dessa forma, percebe-se que a escola, e neste caso específico, a educação física, tem um papel fundamental no aprendizado e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos indivíduos, trabalhando as funções psicomotoras que formarão a base e darão a sustentação para a correta aprendizagem, contribuindo assim, para o desenvolvimento global das crianças.

II - BRINQUEDO (APRENDER – FAZENDO)

2.1 Abordagem sobre educação física, brinquedo e brincadeira na Educação Infantil.

Em grande parte das sociedades contemporâneas, a infância é marcada pelo brincar, que faz parte de práticas culturais típicas, mesmo que esteja muito reduzida face à demanda do trabalho infantil que ainda se insere no cotidiano dos segmentos sociais de baixa renda.

A brincadeira permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir-se a si mesma, apreender a realidade, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo.

Segundo Kishimoto: “A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar” (FONSECA,1988).

Inicialmente, ela não tem objetivo educativo ou de aprendizagem pré-definido. A maioria dos autores afirma que ela é desenvolvida pela criança para seu prazer e recreação, mas também permite a ela interagir com pais, adultos e coletâneas, bem como explorar o meio ambiente.

Como a criança é um ser em desenvolvimento, sua brincadeira vai se estruturando com base no que é capaz de fazer em cada momento. Isto é, ela aos seis meses e aos três anos de idade tem possibilidades diferentes de expressão, comunicação e relacionamento com o ambiente sociocultural no qual se encontra inserida.

Ao longo do desenvolvimento, portanto, as crianças vão construindo novas e diferentes competências, no contexto das práticas sociais, que irão lhes permitir compreender e atuar de forma mais ampla no mundo.

Para Fonseca (1988), a criança nasce em um meio cultural repleto de significações social e historicamente produzidas, definidas e codificadas, que são constantemente resignificadas e apropriadas pelos sujeitos em relação, constituindo-se, assim, em motores do desenvolvimento.

Neste sentido, o desenvolvimento humano para ele se distancia da forma como é entendido por outras teorias psicológicas, por ser visto como um processo cultural que ocorre necessariamente mediado por um outro social, no contexto da própria cultura, forjando-se os processos psicológicos superiores, sendo a psique humana, nesta perspectiva, essencialmente social.

Os processos psicológicos superiores para Fonseca (1988) são constituídos

(...) pelos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o idioma, a escrita, o cálculo, o desenho, bem como pelas funções psíquicas superiores especiais, aquelas não limitadas nem determinadas de nenhuma forma precisa e que têm sido denominadas pela psicologia tradicional com os nomes de atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos.

O autor afirma, ainda, que o desenvolvimento humano é um processo dialético, marcado por etapas qualitativamente diferentes e determinadas pelas atividades mediadas. O homem, enquanto sujeito é capaz de transformar sua própria história e a da humanidade, uma vez que por seu intermédio muda o contexto social em que se insere ao mesmo tempo em que é modificado.

Assim, o que caracteriza a atividade humana é o emprego de instrumentos, signos ou ferramentas, que lhe dão um caráter mediado.

Entretanto, instrumentos e signos são coisas diferentes; os primeiros influenciam a ação humana sobre a atividade e são externamente orientados. Já os segundos não modificam em nada o objeto da atividade, mas se constituem em ferramenta interna dirigida ao controle do indivíduo, sendo orientados internamente.

Desta maneira, os objetos com os quais a criança se relaciona são significados em sua cultura e a relação estabelecida com eles se modifica à medida em que a ela se desenvolve.

Em um primeiro momento esta relação é marcada pela predominância de sentidos convencionais, característicos da cultura em que está inserida; o objeto, de certa forma, diz para a criança como deve agir. Com o passar do tempo, de modo gradativo, a relação entre objeto significado e ação se altera, tendo a brincadeira um lugar de destaque nessa mudança.

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira. “A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê.” (FONSECA, 1988).

A brincadeira é, assim, a realização das tendências que não podem ser imediatamente satisfeitas. Esses elementos da situação imaginária constituirão parte da atmosfera emocional do próprio brinquedo. Brincar é tão importante para a criança como trabalhar é para o adulto.

A brincadeira torna a criança ativa, criativa, e lhe dá oportunidade de relacionar-se com os outros, deixando-a feliz e, por isso, torna-se mais propensa a ser bondosa, a amar o próximo, a ser solidária. (BENJAMIM, 1994).

A criança tem características próprias e para alcançar o pensamento adulto (abstrato), ela precisa percorrer todas as etapas de seu desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. Seu primeiro apoio nesse desenvolvimento é a família. Brincando, a criança desenvolve potencialidades.

Sua sociabilidade se desenvolve; ela faz amigos, aprende a compartilhar e a respeitar o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo, e a envolver-se nas atividades apenas pelo prazer de participar, sem visar recompensas nem temer castigos. Brincando, a criança estará buscando sentido para sua vida. Sua saúde física, emocional e intelectual depende, em grande parte, dessa atividade lúdica

2.2 O papel da Educação Física no desenvolvimento da criança

O principal instrumento da educação física é o movimento, por ser o denominador comum de diversos campos sensoriais. O desenvolvimento do ser humano se dá a partir da integração entre a motricidade, a emoção e o pensamento.

No caso específico da educação física, o profissional dessa área possui ferramentas valiosas para provocar estímulos que levem a esse desenvolvimento de forma bastante prazerosa: a brincadeira, o jogo e o esporte.

A partir da brincadeira e do jogo, a criança utiliza a imaginação que “é um modo de funcionamento psicológico especificamente humano, que não está presente nos animais nem na criança muito pequena” (FONSECA, 1988).

A partir da utilização da imaginação, a criança deixa de levar em conta as características reais do objeto, se detendo no significado determinado pela brincadeira.

Mesmo havendo uma significativa distância entre o comportamento na vida real e o comportamento no brinquedo, a atuação no mundo imaginário e o estabelecimento de regras a serem seguidas criam uma zona de desenvolvimento proximal, na medida em que impulsionam conceitos e processos em desenvolvimento (Rego, 1995)

Esse impulso dado aos conceitos e processos de desenvolvimento deverá ser fornecido pela educação física ao propiciar jogos e brincadeiras que, intencionalmente, estimulem a imaginação e a criatividade.

Além disso, o processo de desenvolvimento dos indivíduos tem relação direta com o seu ambiente sócio-cultural e eles não se desenvolveriam plenamente sem o suporte de outros indivíduos da mesma espécie.

Dessa forma, percebe-se que a escola, e neste caso específico a educação física, tem um papel fundamental no aprendizado e conseqüentemente no desenvolvimento dos indivíduos, desde que estabeleça situações desafiadoras para seus alunos.

A interferência de outras pessoas (professor e outros alunos) é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo.

O papel do professor deve ser o de interventor intencional, estimulando o aluno a progredir em seus conhecimentos e habilidades através de propostas desafiadoras que o leve a buscar soluções, por intermédio da sua própria vivência e das relações interpessoais.

Isto não deve significar uma educação autoritária, mas sim, uma educação que possibilite ao aluno, por meio de estratégias estabelecidas pelo professor, construir o seu próprio conhecimento, com a reestruturação e reelaboração dos significados que são transmitidos ao indivíduo pelo seu meio sócio-cultural.

Qualquer processo de ensino para ser eficiente deve levar em conta o nível de desenvolvimento real da criança e o seu nível de desenvolvimento potencial adequado a sua faixa etária, conhecimentos e habilidades que já possui.

O profissional de educação física ao trabalhar na educação infantil deve conhecer os estágios do desenvolvimento dessa fase, para proporcionar os estímulos adequados a cada etapa. Agindo dessa forma, o desenvolvimento será mais harmônico no campo motor, cognitivo e afetivo-social, trabalhando assim, o ser na sua forma integral.

A evolução infantil obedece a uma seqüência motora, cognitiva, e afetiva-social que ocorrerá de forma mais lenta ou mais acelerada, de acordo com os estímulos recebidos. A criança entre de 1 ano e meio e os dois anos de idade age sem refletir. (FREIRE, 1992).

O ato precede o pensamento. A partir dessa fase, a criança já adquire duas funções importantíssimas: o andar e a linguagem. O pensamento passa a ser projetado no exterior pelos movimentos e pela linguagem. Isto permitirá uma maior participação na sua relação com o meio.

A ação da criança sobre o meio estimulará sua atividade mental. A partir daí, a criança começa a ter maior consciência sobre sua própria pessoa, iniciando a formação da sua auto-imagem.

Em seguida, a criança vai iniciando a sua vida social ao formar pequenos grupos, porém ocorre uma troca constante de amizades e de grupos (escola, clubes, etc.). Esse intercâmbio social é essencial, pois leva a criança a se adaptar a diferentes papéis, reconhecendo-se como pessoa.

Nesse sentido, cada fase de desenvolvimento infantil tem suas próprias características, portanto, exige estudos aprofundados sobre os métodos pedagógicos, as qualidades dos estímulos fornecidos e a atuação intencional do profissional na aula de educação física.

Conforme Souza (1999):

“O professor deve levar em conta a peculiaridade de cada fase pela qual o aluno passa, as particularidades de cada jogo, brincadeira ou esporte que possam auxiliar o educando no seu desenvolvimento integral”.

Pela importância que a infância representa na formação da personalidade do indivíduo, esses estudos devem estar respaldados por uma “práxis” pedagógica que leve a uma organização didática, modificando a visão de aulas de educação física de embasamentos estritamente empíricos, para uma visão mais científica, evitando-se um choque entre teoria e prática o que poderá refletir negativamente na formação de nossos jovens.

2.3 As relações entre Educação Física e as outras disciplinas da Educação Infantil. O lúdico na formação do professor

A educação física deve ser entendida como qualquer outra disciplina da escola e devem integrar-se como todas as demais disciplinas. A Interdisciplinaridade parte de uma relação de reciprocidade entre as disciplinas, onde é preciso que cada um supere suas especialidades e limitações para absorver as contribuições de outras disciplinas.

A educação física, portanto, não esgotam seu trabalho na possibilidade de auxiliar outras disciplinas, mas esgota na identificação de pontos comuns do conhecimento e na dependência que o corpo e mente, ação e compreensão possuem entre si.

Segundo Rosamilha: “as coordenações motoras atuam sempre na formação do conhecimento que alimenta a cognição, tanto quanto afetividade e a socialização”. (ROSAMILHA, 1979).

Toda atividade significativa realizada de forma consciente transforma se num conceito que inevitavelmente se refletirá na aprendizagem dos conceitos de outras disciplinas.

Interdisciplinaridade na perspectiva da educação física tem grande eficácia, pois conhecimento não é só aprendido, é, porém algo muito maior, ele é sentido, e a educação possibilita a sensação do saber ou deveria possibilitar.

Em relação ao papel pedagógico, a educação física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola e não desintegra dela.

As habilidades motoras seriam desenvolvidas, sem dúvida, devem estar claro quais serão as conseqüências disto do ponto de vista cognitiva, social e afetivo.

Sem se tornar uma disciplina auxiliar de outras, a atividade da educação física precisa garantir que de fato, as ações físicas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente.

Os educandos carregam uma grande bagagem cultural, que não podem ser descartadas. A partir desses conhecimentos e sua relação com os novos conhecimentos e gerado o verdadeiro saber. Da mesma forma a ação interdisciplinar possibilita ao aluno refletir, analisar e criar alternativas para assimilar dos conteúdos almejados.

Para enriquecer o aprendizado dos alunos. O professor utiliza recursos e estratégias comuns a outras disciplinas, relatando a história da capoeira, os fatores políticos que envolvem os praticantes de capoeira até os dias atuais, as poesias que mencionam esses fatos, a confecção de pintura e gravuras, entre outros meios.

A Educação Infantil tem uma grande relevância para a formação do sujeito, principalmente nos tempos atuais onde a globalização se insinua com tanta força. Surge, então, a interdisciplinaridade como uma opção de atuação do professor para melhorar os procedimentos da educação física e fazer com que haja melhor desenvolvimento do aluno.

III - DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Ao considerarmos a escola como um espaço de aprendizagem, entendemos que o jogo utilizado como metodologia nas aulas de educação física no ambiente escolar poderá, contribuir consideravelmente, no processo de aprendizagem da leitura e escrita, além de influenciar nas relações sociais.

Essa leitura da prática pedagógica justifica nosso trabalho remetendo-nos a refletir sobre esta proposta na tentativa de compreender e minimizar a extensão e complexidade do problema.

Assim pode-se dizer que a motricidade humana está ligada a toda significação existencial, com isso existindo uma relação com o que somos, acreditamos, pensamos e sentimos.

O corpo então é um corpo de expressões e movimentos e é através da educação física que a criança descobre suas possibilidades cinestésicas, expressando-se com seu corpo e em seu corpo, com os movimentos iguais aos que fazem com a escrita e a leitura.

Constata-se em relação à educação psicomotora, a necessidade da criança expandir seus movimentos.

O sujeito constrói, assim como o conhecimento, os movimentos, construção essa que depende não somente de recursos biológicos e psicológicos, mas também das condições do meio ambiente no qual vive. (FREIRE, 1982).

De acordo com Piaget (1975), a ação psicomotora é considerada como precursora do pensamento representativo e do desenvolvimento cognitivo, e afirma que a interação da criança em ações motoras, visuais, táteis e auditivas sobre os objetivos do seu meio é essencial para o desenvolvimento integral.

A atividade sensório-motora é importante para o desenvolvimento de conceitos espaciais e na habilidade de utilizar termos lingüísticos.

Contudo o jogo tem papel fundamental para o desenvolvimento físico-motor, devendo ser aproveitado num trabalho integrado com outras áreas de desenvolvimento.

Assim pode-se dizer que o desenvolvimento motor não acontece pela padronização das ações, mas sim: pela complexidade, diversidade, variabilidade, Constancia e consistência dos jogos a serem trabalhados.

Em outras palavras, as aulas de educação física não devem ser mera repetição de movimentos perfeitos.

Esses movimentos serão descobertos pelas crianças que buscam alcançar sua meta, com isso dia após dia superando o que realizavam anteriormente e estabelecendo novas formas de conduta.

Segundo Piaget, citado por Freire (1982), para adaptar-se ao mundo, para resolver problemas, para agir sobre o mundo, transformando-o, o sujeito constrói movimentos corporais específicos, dirigidos por um fim e orientados por uma intenção: são os esquemas de ação. É por estes esquemas que o ser humano se expressará em todas as ocasiões de sua vida.

Os argumentos usados para justificar a educação psicomotora na educação colocam em evidência seu papel na prevenção das dificuldades escolares.

Mas antes de tudo a educação psicomotora deve ser uma experiência ativa de confronto com o meio.

Portanto os exercícios corporais e as atividades despertadoras visam especialmente assegurar o desenvolvimento harmonioso dos componentes corporais, afetivo e intelectual, objetivando a conquista de uma relativa autonomia.

Sendo assim podemos concordar que a conscientização e domínio do corpo, a apropriação do esquema corporal, a coordenação psicomotora, as noções de tempo-espaço são objetivos importantes que precisam ser trabalhados antes do aprendizado da escrita e leitura.

Após a fixação das bases motoras e o domínio dos gestos da escrita é que devemos ensinar a criança a dominar o lápis.

Compreende-se então, que a atividade de escrita implica num movimento com direção definida, além disso a criança deve também ser capaz de identificar e compreender o significado simbólico da palavra antes mesmo da escrita .

Entretanto o trabalho psicomotor, tal como conhecemos, resulta numa melhora da aptidão para aprendizagem, respeitando as fases de desenvolvimento

de cada criança, sendo que neste tipo de aprendizagem não apenas a meta a ser atingida e fixada, mas o esquema de ação são importantes dentro do processo ensino aprendizagem do movimento humano.

Assim a medida que a criança cresce e se desenvolve surgem novos interesses, novos aprendizados proporcionando uma estreita relação entre maturação, crescimento, desenvolvimento e aprendizagem escolar.

Durante muito tempo se confundiu ensinar com transmitir, onde o aluno era considerado um agente passivo e o professor um transmissor do conhecimento e o que é pior o aprender ocorria pela repetição, sendo que o aluno que não sabia era responsável por essa deficiência e era castigado.

Atualmente essa idéia é tão absurda, pois sabe-se que não existe aprendizagem, se esta não acontecer através de uma construção de saberes, sendo o professor um facilitador do processo em busca do conhecimento.

Nesta perspectiva Freire (1982) nos mostra que o interesse dos alunos passou a ser a força que comanda o seu aprendizado, sendo que o professor passa a ser um gerador de situações estimulantes e eficazes, dentro deste contexto o jogo ganha seu espaço e passa a ser ferramenta ideal para a aprendizagem, ajudando o aluno a continuar suas descobertas e enriquecer sua personalidade.

Assim a medida que a criança cresce e se desenvolve, surgem novos interesses, novas situações de troca, novos aprendizados e conseqüentemente os jogos vão se modificando, proporcionando uma estreita relação entre os processos de maturação, crescimento e desenvolvimento (afetivo, cognitivo e social) bem como o aparecimento de novos interesses e objetivos.

Desta forma a criança quando joga, opera com significado o movimento e suas ações, tomando assim consciência das suas escolhas e decisões, por isso o jogo apresenta-se como elemento básico no processo educacional, proporcionando mudanças em relação aquele que aprende.

No nosso entender, o jogo como recurso pedagógico proporciona à criança um aprendizado mais prazeroso, possibilitando oferecer um conjunto de novas propostas dentro das aulas de Educação Física.

Dentro deste contexto o jogo deixa de ser somente lúdico e se torna também educacional, não perdendo é claro suas características já acima mencionadas, pois a aprendizagem através do movimento envolve relações entre o corpo e a mente.

A idéia de aplicar o jogo à educação partiu do princípio que, toda criança tem necessidade de uma educação integral, assegurada pelo desenvolvimento de habilidades, movimentos e atitudes através da educação física. Por isso pode-se dizer que a criança quando joga se expressa, assimila e constrói sua realidade.

Por esse motivo, a participação em jogos contribui para formação de atitudes como respeito mútuo, solidariedade, cooperação, obediência às regras, responsabilidade, sendo que jogando a criança aprende o valor do grupo e seu próprio valor.

Desta forma, coloca-se a pensar sobre a ação pedagógica centrada somente na cognição, a escola ao longo de sua história deixou de lado o corpo, a sala de aula era o único espaço de raciocínio e inteligência, ao corpo restou a quadra, o pátio e o recreio.

Vê-se o jogo nas mãos do educador será usado como uma importante força educativa e não somente o jogo pelo jogo, pois o jogo proporcionará a criança reproduzir suas vivências, transformando o real de acordo com seus desejos e interesses, assim expressando e construindo sua realidade.

3.1 O papel da cultura corporal sobre a Educação Física Escolar

As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvida, mas deve estar claro quais serão as conseqüências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

É preciso entender que as habilidades motoras, desenvolvidas num contexto de jogo, de brinquedo, no universo da cultura infantil, de acordo, com o conhecimento que a criança já possui, poderão se desenvolver sem a monotonia dos exercícios.

Esses corpos formalmente alinhados atrás de suas respectivas carteiras dão mais segurança que a agitação impulsiva desses mesmos corpos em movimento, cujo dinamismo tende a subtrair-lhes a autoridade.

De modo geral, os professores não possuem estrutura afetiva para suportar a relação com corpos livres em movimento, motivo mais provável da quase ausência de aulas de educação física na escola primária.

Nas condições em que as pessoas vivem atualmente, a educação motora seria um rico e vasto campo de recursos pedagógicos, especialmente até os primeiros quatro anos de escolarização.

Nos dias atuais a Educação Física no ensino escolar, deve estar integrada ao projeto político e pedagógico da escola. Ao longo da história têm sido atribuído a educação física, incumbências diferenciadas que a caracterizaram/caracterizam como componente curricular responsável pela educação do corpo.

O ensino da educação física, na perspectiva da cultura corporal, tem como objetivo geral possibilitar aos alunos a vivência sistematizada de conhecimentos/habilidades da cultura corporal, balizada por uma postura crítica, no sentido da aquisição da autonomia necessária a uma prática intencional e permanente, que considere o lúdico e os processos sócio-comunicativos, na perspectiva do lazer, da formação cultural e da qualidade coletiva de vida.

Para tal, é necessário um efetivo processo de transmissão, vivência e reflexão acerca dos conhecimentos/habilidades que compõem a cultura corporal (as ginásticas, os jogos e brincadeiras populares e os esportes).

No sentido de fazer entender as relações existentes entre a prática social global e a prática da cultura corporal, os alunos deverão ser gradativamente estimulados a praticar e refletir criticamente a respeito das possibilidades, limitações, paradoxos e mitos que se manifestam no âmbito das práticas da cultura corporal.

Necessário também é desvelar o conjunto orgânico de valores sociais, morais, éticos e estéticos subjacentes à cultura corporal identificados com a formação de uma cidadania humanista e democrática, em crítica àqueles que reproduzem a marginalização, os estereótipos, o individualismo, a competição discriminatória, a intolerância com as diferenças, dentre outros valores que reforçam as desigualdades, o autoritarismo, etc.

Segundo Freire (1982), é por meio desse mecanismo chamado cultura que o homem adquiriu a capacidade de ser o construtor de sua própria história, desde a utilização de ferramentas, passando pelo convívio social, pela linguagem chegando a outras formas mais complexas de significar o fazer humano.

O autor demonstra com isto, como o convívio entre povos foi tecendo uma teia de significados que foram ganhando densidade ao longo da história da humanidade, significados estes que, por sua vez, estão em constante processo de re-significação.

O conceito de cultura proposto por Freire (1982) tem forte influência das idéias de Max Weber. Uma vez que para este “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Freire (1982) ao balizar-se neste conceito, afirma que para entender o que é cultura, e como ela influencia as ações de um determinado grupo, é preciso identificar e perceber como as pessoas são, como se relacionam, como agem e interagem, é, portanto, ir além do visível, é mergulhar, de fato, no significado das ações desenvolvidas pelos indivíduos em suas sociedades.

O significado atribuído à cultura por Freire (1982) é o ponto de partida para as discussões que circulam nesse texto, é ele que dá subsídios para as discussões sobre as formas de manifestações culturais que estão relacionadas ao “corpo”.

Formas que são absorvidas ativamente, recebendo um sentido, um significado no próprio processo de recepção e, portanto, vão adotando significados diferentes em sociedades distintas.

Percebe-se, como consequência disso, que não há comportamento que não passe pela influência cultural e é sobre a égide dessa influência que os corpos também são formados. O ser humano modifica constantemente seu corpo, sem se dar conta da importância e da ligação entre essa necessidade e o resto de suas relações sociais.

Após essa breve discussão, da influência dos aspectos culturais sobre o que fazemos e como enxergamos o nosso corpo e a relação disso com as aulas de Educação Física, é um equívoco continuar a imaginar o ser humano dividido em biológico, social, cultural, psicológico.

Freire (1982) apresenta visão parecida a de Mauss ao falar de uma “concepção sintética de ser humano”. Segundo ele, existe uma interação indivisível entre os aspectos citados acima, fatores esses que ao mesmo tempo em que influenciam, possibilitam a influência por parte da sociedade onde vivemos, produzindo, desse modo, uma constante modificação do que chamamos de cultura. Isso ocorre muitas vezes sem que tenhamos consciência.

Neste contexto, percebe-se que, mais do que uma consequência biológica, a cultura é fundamental para a “evolução” do ser humano, pois toda ação humana é considerada um ato social que obtém significados diferentes dependendo da sociedade em que ocorre.

As aulas de educação física devem superar o ensino, apenas, das modalidades e técnicas esportivas e, principalmente, o ensinar por ensinar. Os professores devem estar atentos aos interesses dos alunos, reconhecendo e respeitando o aporte cultural de cada um, garantindo com isso, o ensino contextualizado das manifestações relativas a cultura de movimento, possibilitando dessa forma, com que os alunos adquiram um senso crítico em relação a como são transmitidas tais atividades.

3.2 Os Paradigmas Curriculares da Escola e da Educação Física

Segundo Freire (1982): “ Os paradigmas curriculares, conforme o interesse humano, classificam-se em: Técnico-linear, circular consensual e Dinâmico-dialógico”.

Já, Neto (1985), cita a relação entre os paradigmas citados e as tendências pedagógicas que norteiam a Educação Física escolar e para isso, utilizou-se da classificação da Castellani Filho (1988), que dividiu as tendências em três: Biolização, Psico-pedagogização e Transformadora.

Na educação física escolar as influências da Pedagogia Tradicional ficam evidentes na preocupação com a promoção da saúde e a desempenho esportivo.

Está relacionada com a tendência da Biolização na educação física, que se caracteriza por reduzir o estudo do homem em movimento somente aos seus aspectos biológicos.

Esta tendência valoriza a desempenho esportivo e procura colocar a Educação Física como agente promotor de saúde, alicerçada na atividade física como instrumento para uma vida saudável.

Duas propostas metodológicas para a educação física escolar se encaixam nesta tendência, que são a educação física de Pré-Escola à Universidade. Para o paradigma Circular-consensual é orientado pelo interesse no consenso. O aluno é o foco do processo educativo, criador e construtor do seu próprio currículo.

As influências do pensamento pedagógico da Escola Nova na educação física são percebidas na tendência da Psico-pedagogização, que caracteriza-se pela

discussão sobre os melhores métodos em nível de desenvolvimento humano e os aspectos psicológicos e pedagógicos da Educação Física.

Nesta tendência a escola é caracterizada como um sistema fechado, desconsiderando as influências sócio-culturais da sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

A tendência da Psico-pedagogização é encontrada em três movimentos diferentes, mas que tem o mesmo objetivo: os aspectos pedagógicos da Educação Física.

O primeiro movimento, de caráter humanista, deixa de priorizar o produto para se preocupar com o processo de ensino, introduzindo o processo de ensino não-diretivo.

O segundo movimento é a psicomotricidade, que se preocupa com o desenvolvimento cognitivo do homem. Nesta concepção a educação do movimento é substituída pela educação pelo movimento, propõe-se, a partir de jogos de movimentos e exercícios, contribuir para a educação integral.

O terceiro movimento é a abordagem desenvolvimentista, estruturada na descrição dos processos de desenvolvimento da criança.

A preocupação desta concepção é fornecer, à Educação Física, uma fundamentação teórica, a partir de estudos sobre a seqüência do desenvolvimento, com seus estágios e características de maturação fisiológica e motora, contribuindo para a fundamentação pedagógica desta.

Os valores identificados nesta abordagem são a valorizações do aluno sujeito, independente, participativo e nas aulas de Educação Física, principalmente a criatividade, a integração, a capacidade de comunicação, reflexão, crítica, co-decisão e co-educação. Socialmente a cultura corporal, produto do conhecimento acumulado pela humanidade, é valorizada.

A expressão, componente curricular é sinônimo de matéria escolar, matéria de ensino e identifica os conteúdos do currículo.

O termo currículo, num sentido mais corrente designa o conjunto daquilo que se ensina e daquilo que se aprende; tendo como referencia alguma ordem de progressão, podendo inferir-se para além do escrito ou prescrito oficialmente, ou seja, o que é efetivamente ensinado e aprendido no interior da sala de aula, ou fora dela, enfim, currículo num sentido geral e abstrato é a dimensão cognitiva e cultural do ensino, qual sejam seus conteúdos, saberes, competências, símbolos e valores.

Assim, currículo amplia o significado de organização disciplinar, do sentido de regras de conduta, para o sentido de organização disciplinar como: objetivos, partes e matérias do ensino.

Diante do exposto, pode se dizer que um componente curricular é, no sentido de matérias de ensino, não apenas um constituinte do rol de disciplinas escolares, mas, um elemento da organização curricular da instituição.

Em sua especificidade de conteúdos, traz uma seleção de conhecimentos que, organizados e sistematizados, devem proporcionar ao discente uma reflexão acerca de uma dimensão de cultura e que aliado a outros elementos dessa organização curricular, visam a contribuir com a formação cultural do aluno.

Para compreender as principais influências que marcaram e caracterizaram a Educação Física, é necessário considerar suas origens no contexto histórico, especialmente no cenário brasileiro, ao qual, daremos ênfase.

No século XIX a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e médicas.

A Educação Física neste século foi entendida:

Como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo "forte", "saudável", indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país que, saindo de sua condição de colônia portuguesa, (...) buscava construir seu próprio modo de vida". (NETO, 1985).

Nessa compreensão juntavam-se os médicos, que tinham a tarefa de passar à sociedade algumas das leis morais essenciais à família, os padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira.

A concepção denominada educação física Higienista era uma concepção particularmente forte nos anos finais do Império e no período da Primeira República (1889 - 1930), que se preocupava em instituir a Educação Física como agente de saneamento público, agindo como protagonista num projeto de assepsia social, tendo um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação.

Para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos, etc., deveriam disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que comprometeria a vida coletiva.

Assim, a perspectiva da educação física Higienista vislumbrou a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação.

O envolvimento dos higienistas com a educação escolar se deu, portanto, dentro de compreensão desta como sendo uma extensão da educação familiar. Tratava-se, na verdade, de mostrar que a nefasta ação dos pais na educação de seus filhos, não se encerrava no ambiente familiar" (NETO, 1985).

O liberalismo do início do século XX em nosso país acreditou na educação, na educação física e particularmente na escola, como redentora da humanidade. Sobre os ombros da educação e da escola foram depositadas as esperanças das elites intelectuais na construção de uma sociedade democrática e livre dos problemas sociais.

Os liberais não titubeavam em jogar às costas da ignorância popular a culpa pelos problemas sociais que, em verdade, se originavam da perversidade do sistema capitalista.

A função de assegurar a saúde e o vigor dos corpos, aumentando a reprodução e longevidade dos indivíduos, incrementarem a população do país e melhorar os costumes privados e a moral pública, observa-se uma tentativa simplista de resolver os problemas da saúde pública na escola através da educação física.

Vários pontos defendidos pelo pensamento liberal em relação à educação física, e que culminaram naquilo que estamos designando de educação física Higienista, estão vivos, ainda hoje, permeando os discursos de autoridades governamentais, de pedagogos, de médicos e professores de educação física.

Esta concepção visava impor a toda sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime de quartel, cujo objetivo fundamental era a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra, enfim, a formação de um cidadão-soldado capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem.

É nessa construção do novo homem que podemos entender a Educação Física como uma disciplina necessária.

A Educação Física será a própria expressão física da sociedade capitalista. Ela encarna e expressa os gestos automatizados disciplinados e se faz protagonista de um corpo "saudável", torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade e, desse modo para integrar o discurso médico, pedagógico...familiar. (NETO, 1985).

Fica ressaltado o valor e a função que a força física passa a ter no mundo industrial, pois ela poderia ser transformada em força de trabalho e vendida como mais uma mercadoria; era o único valor de troca que o trabalhador dispunha.

Assim, os exercícios físicos passaram a serem entendidos como receita e remédio para os operários, julgando-se que, através deles seria possível adquirir corpos saudáveis, ágeis e disciplinados, exigido pela sociedade capitalista da época.

Assim, a Educação Física deveria ser suficientemente rígida para elevar os cidadãos da nação à condição de servidores e defensores da Pátria. O seu papel seria de colaboração no processo de seleção natural, eliminando os fracos e premiando os fortes, no sentido da depuração da raça.

CONCLUSÃO

Chegou-se ao fim deste trabalho, ao alcance de todos os objetivos, mostrando quanto é importante o trabalho com Educação Física no contexto escolar, principalmente no Ensino Infantil. Conseguiu-se comprovar que as atividades da Educação Física quando bem trabalhadas são de grande valia para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Concluiu-se que as atividades lúdicas são de grande importância na evolução da criança, e que o professor deve assumir papel de orientação quanto das práticas lúdicas que favorecem a aprendizagem e pleno desenvolvimento do aluno principalmente no ensino infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, T. L. **A Educação Física de 3 a 8 anos**. Trad. Fátima Murad. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002

BENJAMIM, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1994.

BONAMIGO et al. **Como ajudar a criança no seu desenvolvimento**. Porto Alegre - RS, Editora da Universidade UFRGS, 1982.

BUENO, Jocian Machado. **Psicomotricidade teoria e prática** – estimulação, educação e reeducação psicomotora com atividades aquáticas. [S.l.:S.n.], 1998.

CAUDURO, Maria Teresa. **Motor... Motricidade... Psicomotricidade... Como entender?** Novo Hamburgo; Feevale, 2002.

CHAZAUD, Jacques. **Introdução a psicomotricidade**. São Paulo: Manole, 1976.

FREIRE, João Batista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas: Unicamp, 1982.

FONSECA, Vitor da. **Da filogênese à ontogênese da motricidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FONSECA, V. **Manual de Observação psicomotora: Significação psiconeurológica dos fatores psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

FONSECA, V. **Psicomotricidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988

GANDARA, M. **Atividades ritmadas para crianças**. Campinas: M. Gandara, 1985

GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. **Educação Física escolar: do berço ao ensino médio**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez (Coord.). **Educação Física (contribuição à formação profissional)**. 4^o edição. Ed. Unijuí, 2004

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

LIBANEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MELLO, Alexandre Moral de. **Psicomotricidade, educação e jogos infantis**. São Paulo: Ibrasa, 1989.

MEUR, A de. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. São Paulo: Manole, 1989.

NEGRINE, Airton. **A coordenação psicomotora e suas implicações**. Porto Alegre: Pallotti, 1987.

NEGRINE, Airton. **O corpo na educação infantil**. Caxias do sul: UCS, 2002.

NETO, Carlos Alberto Ferreira. **Motricidade e jogo na infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

NOBREGO, T. **Corporeidade e educação física: do corpo ao corpo-sujeito**. 2ed. Natal: EDUFRRN, 2005.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque pedagógico**. Petrópolis, RS: Vozes, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS). **Educação Física**. V.7. Brasília: 1997.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zalar, 1975.

ROSAMILHA, N. **Psicologia do Jogo e Aprendizagem Infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1979.

RODRIGUES, J. C. **O tabu do corpo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

TANI, G. et al. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

